



Paredes

Lucia Blanc Barnea*

Ranana, Israel

luciabarnea@hotmail.com

Outubro, o mar à leste e a promessa de uma temperatura mais amena. Caminha tendo como fiel companheiro o vento. Respira fundo, o cabelo acompanha o sopro de ar fresco, os olhos agradecidos pelo dom da visão, o aroma que anuncia o florescer dos jasmins. Leva por sobre o corpo um suéter, a bolsa a tiracolo e os sapatos moldados por anos de serviço prestado. Traça mentalmente o trajeto percorrido desde cedo, sente a perna falhar. A alienação entre seu tronco e o braço pendente lhe carcome a existência. Avança de mão dada ao desconhecido em busca de pistas que elucidem o mistério.

Uma parede espessa e ao mesmo tempo fluida se ergue e lhe bloqueia o pensar. Aos poucos um torpor lhe acomete o corpo. De longe, um ruído seco, está estirada no meio-fio.

Provavelmente a primeira parede que conheceu conformava os limites de seu quarto. Deitada, arregimenta cada músculo de seu corpo e, de gatinhas, ensaia o que viria a ser sua primeira escalada. De pé, as mãos apoiadas contra a parede, descortina uma nova visão. Havia muito por descobrir.

Que seria pouco mais de meio metro frente à altura daquela parede gigante! Sua flacidez de mulher vivida e os limites da racionalidade madura se burlam do prazer experimentado em sua primeira grande conquista.

À medida que somava centímetros cresciam as paredes, os desafios. Um pôster não emoldurado com as inscrições invertidas decora sua adolescência. Segredos compartidos, cartas de amor, livros escondidos, sonhos proibidos – todos calados por paredes que envelheciam junto a ela. Amou, chorou, cruzou limites, fronteiras, de outros estados, países, sempre uma nova mulher.

Engravidou longe de casa. Sua mãe chegaria para o nascimento acompanhada de uma grande valise que continha um mundo de sonhos de avó. Que a maternidade não doesse, que educar fosse fácil, que a saúde se mantivesse inquebrantável, que aprender com a experiência alheia fosse possível, que ser feminina lhe viesse naturalmente – todos desejos mesclados a roupas delicadamente perfumadas, à manta de fustão há gerações na família e um sapatinho de cristal que pudesse calçar seu futuro feliz.

* Escritora, antropóloga.



Compreendeu a dimensão das paredes de seu útero quando emprenhou. Sentiu-se fêmea, capaz de gerar o sublime. Testemunhou como se desfigurava seu corpo quase esbelto, lhe alterava o humor e o paladar. Não havia proteção maior, abrigo mais generoso para a semente que germinava. Eram momentos de plenitude inexplicável, especialmente quando de dentro lhe chamavam com pequenos, mas vigorosos golpes – um novo ser tomava forma, ganhava força.

A manta de fustão aterrissou com atraso. A bebê chegou sem aguardar a primavera, pesava pouco mais de quilo. Compartilhou pijamas amarrados e invariavelmente maiores do que seu minúsculo tamanho antes de finalmente estrear seu guarda-roupa.

Aquele ser significava um golpe seco em seu ego, o anticlímax de uma gravidez tão idealizada. Desafiando previsões as mais confiáveis, as contrações se fizeram sentir antes do tempo, o útero não suportou o fardo de uma nova vida, a placenta rompeu-se, começava um caminho sem volta. Havia um antes e um depois, o sonho de dentro e a realidade de fora.

Uma parede implica separação, uma nova divisão surgia com o jorrar das águas. No início as duas eram uma, agora se somava uma a uma e se tornavam duas. Quem seria essa pessoa?

Inaugurou sua maternidade quando desviou o rosto do pequeno milagre que apenas nascia. Tomou-lhe 24 horas antes que lhe convencessem a conhecê-lo. Só, de volta ao quarto, observava as novas famílias que surgiam, o movimento de recém-nascidos que instintivamente pousavam nas tetas orgulhosas de suas mães. Reconhecia a altivez das fêmeas guerreiras que pariam partos normais e circulavam com suas crias em berços sobre rodas depois de alimentá-las.

Deixar o hospital com o abdome suturado e as mãos vazias lhe remetia ao mais profundo da terra. Nada fazia realmente sentido, nem o berço, nem as noites outrora tranquilas daquele bairro de periferia. As manhãs teimavam em invadir o quarto sem vida, as bonecas órfãs, a manta esquecida, o rádio mudo. Era preciso vencer o limiar da porta, arejar o ambiente e partir em direção ao outro extremo da cidade.

Como a cada dia, chegou ao hospital pela manhã, esfregou as mãos com o líquido desinfetante e vestiu o guarda-pó. Avançou pelo corredor de caixas transparentes de recém-nascidos e reconheceu sua pequena criação envergonhada, protegida pelas paredes da incubadora. Rezou sua oração de fé e esperança. Seguiu adiante e, com um biombo, improvisou três paredes que lhe ofereciam exclusividade à janela esguia que descortinava a paisagem externa. O inverno seguia rigoroso fora da enorme máquina de curar, longe da temperatura regulada da sala de incubar. Nesse novo ambiente criado coexistiam o aparelho elétrico de sucção de leite materno, os vestígios da última neve no bosque e o desejo de produzir leite suficiente. Entregou, humilhada, seu tesouro ordenhado e retirou-se.



Voltou arrastando a consciência do quilo e meio de sua cria e o peso por não produzir o mínimo para alimentá-la. Finalmente instalou-se em frente à caixa de acrílico e distraiu-se na cadeira de balanço decifrando a ficha de controle dos sinais vitais. Os mesmos fios que ligavam a recém-bebê aos monitores a separavam de sua mãe - como um muro invisível e real.

Nesse dia em que tudo parecia tão vulgar algo aconteceu. O primeiro grande momento de sua maternidade, sem aviso prévio. A excitação conquistou a área de quatro lajotas quadradas do Departamento e o mundo externo deixou de existir enquanto mãe, filha e enfermeira se perderam dentro do biombo de chitão. Quase como num primeiro encontro de intimidade sexual, a mãe se cheirou, depois despiu a camisa - para receber a amada. Sentada, tomou a filha nas mãos e exercitou o ângulo perfeito entre a mirada materna e os olhos da bebê. A enfermeira fez a boca chegar ao bico e o extraordinário ocorreu: a boca sugou, como se nunca houvesse deixado de saber; a mãe gritou e a enfermeira chorou. No interior do biombo, Medicina e Maternidade caminharam juntas.

A parede branca se erguia novamente... Aos poucos lhe vinham mais lembranças, histórias de uma vida desperdiçada em batalhas perdidas. Pensamentos fluíam e escapavam, à medida que se despedia da faculdade de reconhecer o que deveria lembrar. Seguia para uma nova viagem.

Não teve tempo para se despedir. Transformou-se na filha, na terra e nas árvores que depois vieram.

Foi mulher valente e justa, terminou olvidada por tudo o que mais apreciava. Deixou desamparados a baixela de porcelana, o faqueiro de prata, as figuras de faiança, a toalha da Ilha da Madeira, o que restou do jogo *Saint Louis*, os vasos de opalina e o *kilim*. Também O Aleph, a coleção de *netzukes*, a gravura esmaecida e o casal de árvores da felicidade.

Partiu envolvida em seu xale de orações, descalça, em uma caixa estreita de paredes de madeira.

Recebido em: 23/04/2023.

Aprovado em: 28/04/2023.